

Editorial

VIVÊNCIAS EM EDUCAÇÃO COM INDÍGENAS E QUILOMBOLAS

A educação no Brasil tem por premissa ser um direito de todos/as, cuja garantia de oferta e qualidade é responsabilidade do Estado em parceria com as demais instituições sociais. Entretanto como vivemos num país estigmatizado por diferenças de toda a sorte, o acesso ao ensino escolar tem sido negligenciado para alguns grupos por inúmeras questões como a falta de acesso, isolamento cultural e outros. Essas explicações mascaram uma realidade cruel e excludente, como pode ser vista na ínfima parcela destes grupos sociais que consegue chegar a universidade.

Diante desta realidade brutal, somente nas últimas décadas, precisamente nos governos do Presidente Luis Inácio Lula da Silva e da Presidenta Dilma Rousseff, cujos governos foram voltados para o social é que se conseguiu romper com esse cenário, aumentando o investimento do estado brasileiro na educação escolar indígena e quilombola, tanto na educação básica (ensino fundamental e médio) quanto na educação superior. Como resultado muitos/as estudantes conseguiram acessar o ensino superior pelos programas de ações afirmativas, via sistemas de cotas e outros cursos destinados a formação específicas de profissionais para atuar nas mais diversas áreas, inclusive chegando a pós-graduação. Destas vivências foram surgindo novos saberes que compartilhados entre professores/as/pesquisadores/as/alunos/as de forma mais sistematizada passam a se constituir numa possibilidade de produção de conhecimentos que também precisam ser divulgados. Isso se deve ao fato de que estes/as alunos/as ao se tornarem autores/as das suas investigações científicas devem ser reconhecidos/as não apenas como objetos de pesquisa, mas sim como entes que realizam suas investigações, experimentos, reflexões e análises de um mundo, sobremaneira invisível, que também a eles/as pertence.

Todavia, publicar um trabalho acadêmico cuja autoria não esteja inserida nos sistemas de publicação ora vigentes, é uma tarefa quase intransponível. As normas vigentes acabam por excluir novos/as autores/as justamente porque dificultam o acesso destes/as aos veículos de maior prestígio acadêmico. Nisso, tem-se um círculo vicioso, no qual tanto maior é o prestígio quanto mais for difícil o acesso.

Com o intuito de romper com este sistema foi pensado este dossiê temático sobre estudos com povos indígena e quilombolas, cujo objetivo é divulgar e socializar vivências acadêmicas que estão quase sempre relegadas à margem da produção científica, seja por opção metodológica e ou pela pouca importância dada ao objeto de estudo. Este dossiê não se coloca como o instrumento para resolver todos estes impasses, mas sim de oportunizar o diálogo entre os saberes. Esse é o detalhe que possibilitou a diversidade de artigos aqui apresentados.

Inicialmente foram sugeridos alguns temas que poderiam ser apresentados nas modalidades de relatos de vivências, estudos de caso, experimentos, revisão bibliográfica, ensaios, estudos comparados, resenhas e entrevistas que tivessem sempre o envolvimento de e com os estudantes indígenas e quilombolas.

Também as temáticas deveriam sempre abordar questões relativas as vertentes teóricas e práticas pedagógicas em cursos de formação, as trajetórias de estudantes e professores nos cursos de formação (graduação, pós-graduação e outros), as políticas educacionais e histórico de processos de formação de associações e outras organizações sociais entre povos indígenas e quilombolas. Além destes era possível propor enfoques que envolvessem outros temas como Território, Cultura, Meio Ambiente, Gênero e outros, desde que ligados a temática do dossiê.

Devido ao número de artigos recebidos e a qualidade dos mesmos optamos por organizar em dois volumes para garantir que houvesse o atendimento aos anseios dos/as autores/as em ver seus trabalhos divulgados. Cada artigo é resultado do trabalho do/a pesquisador/a que selecionou um objeto de estudo, preparou os instrumentos de coleta e com esmero analisou os dados obtidos sob a luz das teorias científicas. Os artigos aqui apresentados trilharam o mesmo percurso, entretanto em cada um deles existem pedaços das suas próprias histórias que se delineiam num experimento que é a própria vivência.

Com uma gama bastante diversa, tantos os artigos relativos aos povos indígenas quanto

quilombolas abordam educação, arte, arqueologia, território, cultura, linguagem e outros. Cada artigo traz uma trajetória de pesquisa que é também a trajetória dos/as estudantes em suas formas de entender e representar o que denominam de cultura. Para além dos sentidos acadêmicos, os trabalhos aqui apresentados podem ser considerados como um grito em defesa dos direitos e das necessidades que cada espaço de estudo apresenta. No Brasil, com a participação de autores/as de norte a sul do país destacam-se prioritariamente a necessidade de pensar o território e as lutas nestes espaços que estão ameaçados e por isso reclamam seus direitos à educação, à arte, à língua, à cultura e ao ambiente. A participação de professores/as/pesquisadores/as do México com temas sobre identidade e migrações ressaltam a defesa de uma cultura que se organiza e resiste aos tempos, para ter o direito de ser quem são, ou seja, de serem povos originários numa América colonizada.

Em assim sendo convidamos (e provocamos) os/as leitores/as a conhecer esse percurso diversificado de espaços e tempos, de narrativas e vivências, análises e ponderações. Os textos aqui apresentados representam uma prática da ciência mais humana, mais centrada na vida das pessoas ao tempo em que também é rigorosa, é comprometida com a seriedade. É possível fazer ciência sem perder a ternura jamais.

Adriano Batista Castorino

(Universidade Federal do Tocantins – Brasil)

Rosane Duarte Rosa Seluchinesk

(Universidade do Estado de Mato Grosso – Brasil)

Karina Ochoa Muñoz

(Universidade Autônoma Metropolitana – México)